

Putin faz novo mega-ataque antes de voltar a negociar com a Ucrânia

Ataque foi direcionado ao sistema energético da Ucrânia, que enfrenta frio extremo

As forças de Vladimir Putin promoveram um mega-ataque contra o sistema energético da Ucrânia na terça (17), horas antes de as delegações de ambos os países retomarem as negociações mediadas pelos Estados Unidos para tentar pôr fim à guerra que completa quatro anos em uma semana. Ao menos três trabalhadores que tentavam restaurar as redes foram mortos, e dezenas de milhares de moradores do país ficaram sem energia e aquecimento sob o frio congelante do rigoroso inverno do país - a capital Kiev amanheceu com -10 graus Celsius.

Foram empregados 396 drones, 367 dos quais os ucranianos dizem ter abatido, e 29 mísseis balísticos, 25 deles derrubados. Mas o estrago do que passou foi grande. No porto de Odessa (sul), a concessionária DTEK disse que os danos "foram incrivelmente sérios e vão demorar dias para serem reparados".

Ataques do gênero pelos russos são praxe. Há uma visão no Kremlin que o governo de Donald Trump, que tem capitaneado a retomada das negociações desde 2025, só entende a linguagem da força. Com efeito, na véspera o americano havia dito que "a Rússia quer um acordo, e a Ucrânia tem de vir à mesa".

Os ucranianos também deram seu recado da forma assimétrica com que vêm lutando: ao menos 151 drones foram derrubados pe-



Reuters/Folhapress

Violando "acordo de cavalheiros" feito com os EUA, a Rússia realizou novo ataque à Ucrânia

los russos nesta noite, segundo o Ministério da Defesa em Moscou. Houve princípio de incêndio em duas refinarias.

Ao mesmo tempo, o Kremlin disse nesta segunda que não espera "nenhuma notícia" das conversas desta terça na cidade suíça, que deverão continuar na quarta (18).

Elas deverão focar, segundo os russos, questões territoriais. Hoje Putin controla cerca de 20% da Ucrânia, e quer a cessão completa das áreas que anexou

ilegalmente em 2022 - na que os ucranianos mantêm maior presença, Donetsk, o russo ocupa talvez 85% da região.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelenski, se recusa a ceder. Já Putin não aceita que as garantias de segurança contra um novo ataque russo incluam tropas estrangeiras em solo no vizinho, para ficar em dois pontos centrais de discórdia, ainda que não os únicos.

A delegação russa é liderada por Vladimir Medinski, um assessor de

Putin que trabalhou nas primeiras negociações entre os rivais, logo após o começo da guerra em 2022. Isso foi visto como um recado do Kremlin acerca de sua disposição nula de fazer grandes concessões.

Também estarão presentes o chefe da inteligência militar, Igor Kostiuikov, e Kirill Dmitriev, o negociador para a área econômica que perdeu espaço após costurar um plano que acabou rechaçado por Kiev com o seu par americano Steve Witkoff.

Os ucranianos terão à frente do seu time Rustem Umerov, o ex-ministro da Defesa e chefe o Conselho de Segurança do país, além do chefe de gabinete de Zelenski, o ex-chefe de operações secretas Kirilo Budanov.

Os americanos só devem se unir mais tarde aos grupos. Witkoff e o genro de Trump Jared Kushner, que não tem cargo no governo mas fala em nome dos interesses pessoais do presidente, participam antes de conversas de seu próprio processo de paz com o Irã.

Esta é a primeira vez que negociações sobre a Ucrânia ocorrem em solo da Europa Ocidental, marcando a volta de Genebra como referência em neutralidade.

A fama vem da histórica política de não alinhamento dos suíços, mas ela havia sido tisonada em 2024, quando o país sediou uma conferência sobre a guerra no Leste Europeu só com os apoiadores de Kiev. O encontro não deu em nada, com boicote de países menos próximos do Ocidente.

No primeiro ano da guerra, quase houve um acordo negociado em encontros ocorridos em Belarus e na Turquia, mas não funcionou. Depois, sob Trump, as conversas foram retomadas diretamente entre os rivais em duas rodadas nos Emirados Árabes Unidos.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Trump não vai conseguir derrubar o regime, diz líder do Irã

No dia em que recomeçam as tensas negociações entre Estados Unidos e Irã sobre o programa nuclear persa, o líder da teocracia disse que Donald Trump "não será capaz de depor a República Islâmica", em referência ao regime instalado pelos religiosos radicais em 1979. A fala do aiatolá Ali Khamenei em uma audiência com representantes da província do Azerbaijão do Leste, na terça (17), veio após o presidente americano dizer que a queda do regime "seria a melhor coisa que poderia acontecer".

Segundo Khamenei, a armada montada por Trump nas últimas semanas, que em breve terá um segundo grupo ataque de porta-aviões, não o impressiona. "Mais perigosa que os navios de guerra americanos é a arma que poderá mandá-los para o fundo do mar", afirmou.

Enquanto o líder praguejava, uma delegação liderada pelo seu chanceler, Abbas Araghchi, se reuniu de forma indireta com um grupo americano que tinha o ne-

gociador Steve Witkoff e o genro presidencial Jared Kushner à frente.

Os mediadores novamente eram os omanis, mas desta vez o encontro ocorre na casa do embaixador do sultanato em Genebra. A primeira rodada de conversas, há uma semana e meia, havia ocorrido no país do Golfo Pérsico.

Os americanos vão, após as reuniões nas quais cada grupo se reporta a diplomatas de Omã, participar de outro processo de paz, nas conversas entre delegações da Rússia e da Ucrânia na mesma cidade.

Na mesa do Oriente Médio, o próprio escopo das conversas é objeto de polêmica. Oficialmente, o debate será acerca de um acordo para que os aiatolás renunciem às armas nucleares em troca do fim de sanções asfixiantes contra seu país.

Isso valeu de 2015 a 2018, quando o mesmo Trump deixou o arranjo, apontando falhas no processo de verificação da produção de urânio enriquecido por Teerã: até certo nível, o material tem fins pacíficos, mas

depois as aplicações são militares.

Agora, os iranianos dizem aceitar negociar a diluição dos 60% de enriquecimento atingidos em cerca de 400 kg de urânio, o que dá para fazer talvez 15 artefatos atômicos rudimentares e de baixa potência. Os EUA querem o fim do programa todo.

Mas os americanos querem também incluir no acordo um fim ou limitação do arsenal de mísseis balísticos do Irã, que é sua principal arma de retaliação e foi usado, com ogivas convencionais, amplamente na guerra de 12 dias com Israel no ano passado.

Os iranianos dizem que só topam falar de energia nuclear, e Araghchi encontrou-se em Genebra com o chefe da agência da ONU do setor, o argentino Rafael Grossi. Israel insistiu com os aliados americanos sobre o ponto, cientes de que mesmo tendo sido bastante dominados em 2025, os iranianos mantêm capacidades para fustigar o Estado judeu.

Ao falar também de queda do regime, Trump aludiu aos protestos que desafiaram a teocracia em janeiro, que foram reprimidos duramente mas mostraram a fragilidade do poder dos aiatolás. Seja como for, o americano abandonou a retórica de que iria em socorro aos manifestantes.

Na segunda (16), Trump havia dito que o acordo interessava ao Irã. "Eu não acho que eles querem as consequências. Nós podemos ter um acordo em vez de mandar os B-2 para acabar com o potencial nuclear deles. E nós já mandamos os B-2", afirmou.

Ele se referia ao ataque de junho passado em apoio à ação de Tel Aviv, quando os EUA atingiam centrais nucleares iranianas com bombas destruidoras de bunkers lançadas por bombardeiros furtivos ao radar B-2, além de mísseis de cruzeiro.

Para enviar um sinal de força durante as conversas, o Irã iniciou na segunda uma série de exercícios navais no estreito de Hormuz, por

onde passam 20% do petróleo e do gás consumidos no planeta. As manobras haviam sido adiadas antes da primeira rodada de conversas, e sua retomada insinua o estado de espírito em Teerã.

Mais ao sul, no mar da Arábia, o grupo do porta-aviões USS Abraham Lincoln treinava sob condições difíceis o lançamento de missões sob ataque. Os iranianos têm mísseis anti-navios eficazes, mas usualmente a escolta dessas embarcações pode dar conta de defendê-la.

Problema maior são os drones. Teerã tem um estoque estimado de 80 mil modelos Shahed-136, cuja cópia russa cai todo dia sobre a Ucrânia. O envio de grandes enxames contra um grupo de navios pode saturar sua defesa, ainda que os aviões-robôs não consigam afundar uma embarcação, mas sim abrir caminho para uma barragem com mísseis.

Por Igor Gielow (Folhapress)